

**XXIII - ESTRANHA
MORAL**

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO CAPÍTULO XXIII - ESTRANHA MORAL

Odiar os pais

1. Como nas suas pegadas caminhasse grande massa de povo, Jesus, voltando-se, disse-lhes: - Se alguém vem a mim e não odeia a seu pai e a sua mãe, a sua mulher e a seus filhos, a seus irmãos e irmãs, mesmo a sua própria vida, não pode ser meu discípulo. -E quem quer que não carregue a sua cruz e me siga, não pode ser meu discípulo. - Assim, aquele dentre vós que não renunciar a tudo o que tem não pode ser meu discípulo. (S. LUCAS, cap. XIV, vv. 25 a 27 e 33.)

2. Aquele que ama a seu pai ou a sua mãe, mais do que a mim, de mim não é digno; aquele que ama a seu filho ou a sua filha, mais do que a mim, de mim não é digno. (S. MATEUS, cap. X, v. 37.)

3. Certas palavras, aliás muito raras, atribuídas ao Cristo, fazem tão singular contraste com o seu modo habitual de falar que, instintivamente, se lhes repele o sentido literal, sem que a sublimidade da sua doutrina sofra qualquer dano. Escritas depois de sua morte, pois que nenhum dos Evangelhos foi redigido enquanto ele vivia, lícito é acreditar-se que, em casos como este, o fundo do seu pensamento não foi bem expresso, ou, o que não é menos provável, o sentido primitivo, passando de uma língua para outra, há de ter experimentado alguma alteração. Basta que um erro se haja cometido uma vez, para que os copiadorees o tenham repetido, como se dá freqüentemente com relação aos fatos históricos.

O termo odiar, nesta frase de S. Lucas: Se alguém vem a mim e não odeia a seu pai e a sua mãe, está compreendido nessa hipótese. A ninguém acudirá atribuí-la a Jesus. Será então supérfluo discuti-la e, ainda menos, tentar justificá-la. Importaria, primeiro, saber se ele a pronunciou e, em caso afirmativo, se, na língua em que se exprimia, a palavra em questão tinha o mesmo valor que na nossa. Nesta passagem de S. João: "Aquele que odeia sua vida, neste mundo, a conserva para a vida eterna", é indubitável que ela não exprime a idéia que lhe atribuímos.

A língua hebraica não era rica e continha muitas palavras com várias significações. Tal, por exemplo, a que no Gênese, designa as fases da criação: servia, simultaneamente, para exprimir um período qualquer de tempo e a revolução diurna. Daí, mais tarde, a sua tradução pelo termo dia e a crença de que o mundo foi obra de seis vezes vinte e quatro horas. Tal, também, a palavra com que se designava um camelo e um cabo, uma vez que os cabos eram feitos de pêlos de camelo. Daí o haverem-na traduzido pelo termo camelo, na alegoria do buraco de uma agulha. (Ver capítulo XVI, nº 2.) (1)

Cumpra, ao demais, se atenda aos costumes e ao caráter dos povos, pelo muito que influem sobre o gênio particular de seus idiomas. Sem esse conhecimento, escapa amiúde o sentido verdadeiro de certas palavras. De uma língua para outra, o mesmo

termo se reveste de maior OU menor energia. Pode, numa, envolver injúria ou blasfêmia, e carecer de importância noutra, conforme a idéia que suscite. Na mesma língua, algumas palavras perdem seu valor com o correr dos séculos. Por isso é que uma tradução rigorosamente literal nem sempre exprime perfeitamente o pensamento e que, para manter a exatidão, se tem às vezes de empregar, não termos correspondentes, mas outros equivalentes, ou perífrases.

Estas notas encontram aplicação especial na interpretação das Santas Escrituras e, em particular, dos Evangelhos. Se se não tiver em conta o meio em que Jesus vivia, fica-se exposto a equívocos sobre o valor de certas expressões e de certos fatos, em consequência do hábito em que se está de assimilar os outros a si próprio. Em todo caso, cumpre despojar o termo odiar da sua acepção moderna, como contrária ao espírito do ensino de Jesus. (Veja-se também o cap. XIV, nº 5 e seguintes.)

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO II

MATEUS, Cap. X, v. 37-39. LUCAS, Cap. XIV, v. 25-27

**Amor da família. - Cumprimento do dever acima
de todas as coisas. - Paciência e resignação
nas provações terrenas**

MATEUS: V. 37. Aquele que ama a seu pai ou a sua mãe mais do que me ama, não é digno de mim; e aquele que ama a seu filho ou a sua filha mais do que me ama, de mim não é digno. - 38. Aquele que não toma sua cruz e me segue não é digno de mim. - 39. Aquele que acha sua vida a perderá e aquele que perder a vida por minha causa a encontrará.

LUCAS: V. 25. Jesus, voltando-se para a multidão que o acompanhava, disse: - 26. Aquele que vem a mim e não odeia a seu pai e a sua mãe, a sua mulher, a seus filhos, a seus irmãos, a suas irmãs e até a sua própria vida, não pode ser meu discípulo; - 27, e aquele que não toma sua cruz e me segue não pode ser meu discípulo.

N. 143. Muitíssimo comentados têm sido estes versículos. Foram, porém, mal compreendidos, ou não o foram judiciosamente por homens que não souberam levar em conta os tempos, os lugares e as inteligências a que Jesus falava. Sem procurarem penetrar-lhes o espírito, detiveram-se na letra, atendo-se principalmente a um termo que, com significação demasiado forte na vossa linguagem, a tradução emprestou ao Mestre. A expressão que na língua hebraica corresponde a esse termo não tem tanta energia e não encontrou equivalente da parte dos tradutores.

Compreendi, primeiramente, em espírito e verdade, conforme ao espírito que vivifica e não segundo a letra que mata, as palavras de Jesus, o pensamento a que servem de roupagem, o ensinamento que delas decorre.

Para o homem, o único interesse deve ser o do futuro de seu Espírito. Se, portanto, um laço humano qualquer é de molde a desviá-lo do caminho que deve trilhar, cumpre se liberte dele.

Não suponhais que Jesus tenha pretendido pregar e que nós vos preguemos em seu nome o egoísmo místico e a segura de coração. Longe disso, pois o homem pode amar a seu Deus acima de todas as coisas e, contudo, ou antes: com mais forte razão, isto é, por isso mesmo, cumprir todas as obrigações que os deveres para com a família lhe imponham, quaisquer que sejam as dissensões existentes entre o pai e o filho, a mãe e a filha: dissensões no modo de pensar.

Ele pode e deve cumprir todas as obrigações humanas no que tenham de mais escrupuloso.

O que Jesus quis fazer sentir é que, por condescendência ou por um interesse humano qualquer, a ninguém será lícito jamais renegar a lei de amor que ele veio pregar.

Não pratiqueis, portanto, nenhuma ação repreensível, tendo em vista satisfazer a esta ou àquela pessoa, objeto do vosso amor na terra, pois, do contrário, renegareis o vosso Mestre, que a seu turno vos renegará.

"(V. 37 de MATEUS): Aquele, disse Jesus, que ama a seu pai ou a sua mãe mais do que me ama não é digno de mim; e aquele que ama a seu filho ou a sua filha mais do que me ama não é digno de mim."

Aquele que, por agradar a seu pai ou à sua mãe, a seu filho ou à sua filha, cometer um ato contrário aos ensinamentos de Jesus não é digno dele, não pode ser seu discípulo. Jesus personificava e personifica a sua doutrina moral e, por conseguinte, a fé. Como poderia ele, modelo de amor, condenar o amor da família? Certo não vos passa tal coisa pela mente. O Mestre o que fez foi atacar o abuso. Por mais vivo que seja, o amor da família jamais deverá levar o homem a um ato culposo. Admitido que haja atos desculpáveis pelo motivo que os determinou, quantos homens não se julgariam absolvidos de qualquer ação má, desde que pudessem acoitar-se por trás do devotamento à família!

Como lição, Jesus praticava, aos olhos dos homens, o mandamento: honra a teu pai e a tua mãe; mas também lhes lembrava que, acima de tudo, está o dever a cumprir. Recordai-vos da resposta que deu a Maria quando esta e José voltaram a Jerusalém à sua procura e o encontraram no templo entre os doutores. (Tomo I, n. 47, pág. 211-213).

"(V. 38 de MATEUS): Aquele que não toma sua cruz e me segue não é digno de mim. não pode ser meu discípulo."

Aquele, que não aceita com resignação e mesmo com reconhecimento as provações de que está cheia a vida humana, não é digno de Jesus, não pode ser seu discípulo. Jesus as aceitou, para o progresso de todos, como lição e exemplo aos homens, pois nenhuma lhe cumpria sofrer. Assim, cada um deve submeter-se às suas provações em proveito do seu próprio adiantamento.

"(V. 39 de MATEUS): Aquele que acha a sua vida a perderá e aquele que perder a vida por minha causa a encontrará."

Estas palavras, dirigidas especialmente aos discípulos, eram, para eles, uma advertência. Objetivavam fazer-lhes compreender que aquele que falisse no desempenho da sua missão, por conservar a vida humana, renunciaria ao acabamento da obra,

perderia a vida espiritual; que, ao contrário, aquele que não recuasse diante da morte e a sofresse para levar a cabo a obra, teria a vida eterna.

De modo geral e referindo-as a todos os tempos e a todos os homens, aquelas palavras de Jesus exprimem este pensamento: a vida do Espírito é a única existência real; logo, se, durante a encarnação, o Espírito pratica um ato repreensível tendo em vista conservar o corpo, perderá a vida espiritual, pois fica obrigado a recomeçar suas provações numa nova encarnação. Aquele que, contrariamente, sacrificar o corpo, quando for inevitável, para não falir nas suas provações, receberá, num mundo melhor, a recompensa das provas bem suportadas, à custa até daquele sacrifício.

"(V. 26 de LUCAS): Aquele que vem a mim e não odeia a seu pai e a sua mãe, a seus filhos, seus irmãos, suas irmãs e até a sua própria vida não pode ser meu discípulo."

Esta expressão "não odeia", oriunda das traduções, muito forte na vossa língua, não tem, já o dissemos, tanta energia na língua hebraica, onde o termo empregado não encontrou equivalente nos vossos idiomas.

Jesus lançava uma semente que tinha de frutificar em solo árido e ingrato. Precisava, conseqüentemente, que fosse vigorosa, para nele enterrar as raízes. Supondes que se pudesse falar aos homens de então, sobretudo aos hebreus, a linguagem de que vos servis? Imaginais que, daqui a alguns séculos, vossos descendentes não acharão que dizer das palavras que aceitais com admiração? Não tenteis enfiar num povo as vestes de outro. Deixai a cada um o que lhe foi, o que lhe é necessário. Tendes a pretensão de admirar os autores antigos; admitis a linguagem de que usaram, tão diferente da vossa, sob o pretexto de que estava adequada ao século em que viveram e não quereis que seja assim tratando-se da era em que na terra apareceu Jesus, que não falava a sábios habituados às elegâncias e aos apuros de linguagem, mas ao povo, atrasado, material, endurecido que, para se decidir a compreender, precisava ouvir palavras enérgicas e observar exemplos frisantes.

Não; por aquelas palavras não pretendeu Jesus condenar e não condenou o amor da família, mas o excesso que, em tudo, prejudica o homem e o transvia. O homem deve consagrar-se à família, cumprir devotadamente todos os deveres para com ela, mas não deve fazer disso um culto, não deve sacrificar ao amor que consagra a seus parentes os interesses, a felicidade de seus irmãos em Deus. Fora egoísmo.

Jesus, cheio de amor e devotamento para com todos, empregava as expressões que mais impressionassem seus ouvintes, visando libertá-los desse egoísmo e fazer-lhes compreender que, como já o dissemos, devendo ser o futuro do Espírito o único interesse do homem, desde que um laço qualquer humano o possa desviar do caminho que lhe cumpre trilhar, importa que ele se desprenda desse laço. Para ser discípulo de Jesus, jamais será lícito ao homem, sob o pretexto do amor aos seus ou para conservar a vida humana, praticar um ato contrário aos ensinamentos do Mestre, à moral que ele personifica.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO II

LUCAS, Cap. XIV, v. 28-33

Examinar antes de obrar. -Não parar na estrada do progresso. -Não dar apreço aos bens materiais senão como meio de fazer caridade

LUCAS: V. 28. Qual aquele dentre vós que, desejando edificar uma torre, não orça de antemão, com vagar e calma, a despesa necessária, para saber se tem com que acabá-la, - 29, a fim de não suceder que, por não poder acabá-la depois de lhe haver lançado as fundações, todos os que a vejam entrem a escarnecê-lo, 30, dizendo: Este homem começou a construir, mas não pôde acabar? - 31. Ou, qual o rei que, tendo de entrar em guerra contra outro rei, não examina antes, com vagar e calma, se pode marchar com dez mil homens contra o inimigo que vem ao seu encontro com vinte mil? - 32. Se o não pode fazer, manda embaixadores, quando o inimigo ainda está longe, e lhe apresenta proposta de paz. - 33. Assim, pois, aquele dentre vós que não renunciar a tudo o que tem, não pode ser meu discípulo.

N. 144. (V. 28, 29 e 30): Antes de entrar em uma nova via, o homem precisa verificar se terá a enérgica vontade de percorrê-la, pois não é bom que pare depois de haver começado o percurso da estrada do progresso. Uma vez despojado ele do invólucro material, o tempo perdido se lhe patenteia e amargo será o seu pesar ao apreciar o caminho que houvera percorrido, se perseverara, e o que lhe resta por palmilhar. A indecisão aumenta as dificuldades.

(V. 31 e 32): Aquele que não se sentir com a força necessária para levar a cabo grandes coisas, não as empreenda. Espere e fortaleça-se; estude e trabalhe sobre si mesmo, mas não se aventure a tentativas infrutíferas.

(V. 33): Para marchar na via do progresso, da caridade universal, cumpre que o homem se desprenda dos bens materiais, que não lhes crie afeição, que os tenha unicamente como meio de conseguir o bem e o alívio de seus irmãos. Renunciar ao que se possui não é deitá-lo fora, não é desfazer-se de tudo. É não se apegar aos haveres, é não os querer senão visando o bom emprego que se lhes possa dar.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO CAPÍTULO XXIII - ESTRANHA MORAL

Abandonar pai, mãe e filhos

4. *Aquele que houver deixado, pelo meu nome, sua casa, os seus irmãos, ou suas irmãs, ou seu pai, ou sua mãe, ou sua mulher, ou seus filhos, ou suas terras, receberá o cêntuplo de tudo isso e terá por herança a vida eterna. (S. MATEUS, cap. XIX, v. 29.)*

5. *Então, disse-lhe Pedro: Quanto a nós, vês que tudo deixamos e te seguimos. Jesus lhe observou: Digo-vos, em verdade, que ninguém deixará, pelo reino de Deus, sua casa, ou seu pai, ou sua mãe, ou seus irmãos, ou sua mulher, ou seus filhos - que não receba, já neste mundo, muito mais, e no século vindouro a vida eterna. (S. LUCAS, cap. XVIII, vv. 28 a 30.)*

6. *Disse-lhe outro: Senhor, eu te seguirei; mas, permite que, antes, disponha do que tenho em minha casa. - Jesus lhe respondeu: Quem quer que, tendo posto a mão na charrua, olhar para trás, não está apto para o reino de Deus. (S. LUCAS, cap. IX, vv. 61 e 62.)*

Sem discutir as palavras, deve-se aqui procurar o pensamento, que era, evidentemente, este: "Os interesses da vida futura prevalecem sobre todos os interesses e todas as considerações humanas", porque esse pensamento está de acordo com a substância da doutrina de Jesus, ao passo que a idéia de uma renúncia à família seria a negação dessa doutrina.

Não temos, aliás, sob as vistas a aplicação dessas máximas no sacrifício dos interesses e das afeições de família aos da Pátria? Censura-se, porventura, aquele que deixa seu pai, sua mãe, seus irmãos, sua mulher, seus filhos, para marchar em defesa do seu país? Não se lhe reconhece, ao contrário, grande mérito em arrancar-se às doçuras do lar doméstico, aos liames da amizade, para cumprir um dever? E que, então, há deveres que sobrelevam a outros deveres. Não impõe a lei à filha a obrigação de deixar os pais, para acompanhar o esposo? Formigam no mundo os casos em que são necessárias as mais penosas separações. Nem por isso, entretanto, as afeições se rompem. O afastamento não diminui o respeito, nem a solicitude do filho para com os pais, nem a ternura destes para com aquele. Vê-se, portanto, que, mesmo tomadas ao pé da letra, excetuado o termo odiar, aquelas palavras não seriam uma negação do mandamento que prescreve ao homem honrar a seu pai e a sua mãe, nem do afeto paternal; com mais forte razão, não o seriam, se tomadas segundo o espírito. Tinham elas por fim mostrar, mediante uma hipérbole, quão imperioso é para a criatura o dever de ocupar-se com a vida futura. Aliás, pouco chocantes haviam de ser para um povo e numa época em que, como consequência dos costumes, os laços de família

eram menos fortes, do que no seio de uma civilização moral mais avançada. Esses laços, mais fracos nos povos primitivos, fortalecem-se com o desenvolvimento da sensibilidade e do senso moral. A própria separação é necessária ao progresso. Assim as famílias como as raças se abastardam, desde que se não entrecruzem, se não enxertem umas nas outras. É essa uma lei da Natureza, tanto no interesse do progresso moral, quanto no do progresso físico.

Aqui, as coisas são consideradas apenas do ponto de vista terreno. O Espiritismo no-las faz ver de mais alto, mostrando serem os do Espírito e não os do corpo os verdadeiros laços de afeição; que aqueles laços não se quebram pela separação, nem mesmo pela morte do corpo; que se robustecem na vida espiritual, pela depuração do Espírito, verdade consoladora da qual grande força haurem as criaturas, para suportarem as vicissitudes da vida. (Cap. IV, nº 18; cap. XIV, nº 8.)

Deixar aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos

7. Disse a outro: Segue-me; e o outro respondeu: Senhor, consente que, primeiro, eu vá enterrar meu pai. - Jesus lhe retrucou: Deixa aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos; quanto a ti, vai anunciar o reino de Deus. (S. LUCAS, cap. IX, vv. 59 e 60.)

8. Que podem significar estas palavras: "Deixa aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos"? As considerações precedentes mostram, em primeiro lugar, que, nas circunstâncias em que foram proferidas, não podiam conter censura àquele que considerava um dever de piedade filial ir sepultar seu pai. Tem, no entanto, um sentido profundo, que só o conhecimento mais completo da vida espiritual podia tomar perceptível.

A vida espiritual é, com efeito, a verdadeira vida, é a vida normal do Espírito, sendo-lhe transitória e passageira a existência terrestre, espécie de morte, se comparada ao esplendor e à atividade da outra. O corpo não passa de simples vestimenta grosseira que temporariamente cobre o Espírito, verdadeiro grilhão que o prende à gleba terrena, do qual se sente ele feliz em libertar-se. O respeito que aos mortos se consagra não é a matéria que o inspira; é, pela lembrança, o Espírito ausente quem o infunde. Ele é análogo àquele que se vota aos objetos que lhe pertenceram, que ele tocou e que as pessoas que lhe são afeiçoadas guardam como relíquias. Era isso o que aquele homem não podia por si mesmo compreender. Jesus lho ensina, dizendo: Não te preocupes com o corpo, pensa antes no Espírito; vai ensinar o reino de Deus; vai dizer aos homens que a pátria deles não é a Terra, mas o céu, porquanto somente lá transcorre a verdadeira vida.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO III

MATEUS, Cap. XIX, vv. 27-30. - MARCOS, Capítulo X, vv. 28-31. -
LUCAS, Cap. XVIII, vv. 28-30

Resposta de Jesus a Pedro. - Os doze tronos. - As doze tribos de Israel. -
Apostolado. - Amor purificado. - Humildade é perseverança na senda do pro-
gresso

MATEUS: V. 27. Pedro então lhe perguntou: Eis aqui estamos nós que tudo deixamos e te seguimos; que recompensa será a nossa? - 28. Respondeu-lhe Jesus: Em verdade vos digo que vós, que me seguistes, quando, ao tempo da regeneração, o filho do homem estiver assentado no trono da sua glória, também estareis assentados em doze tronos a julgar as doze tribos de Israel. - 29. E todo aquele que abandonar, pelo meu nome, casa, ou irmão, ou irmã, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou terras, receberá o cêntuplo e terá por herança a vida eterna. - 30. Mas, muitos que foram dos primeiros serão os últimos e muitos que foram dos últimos serão dos primeiros.

MARCOS : V. 28. Pedro então lhe observou: Aqui estamos nós que tudo deixamos e te seguimos. - 29. Disse Jesus: Em verdade vos digo que ninguém há que deixe, por mim e pelo Evangelho, casa, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos e terras, - 30, que, presentemente, neste século mesmo, não receba, com as perseguições, cem vezes mais casas, irmãos, irmãs, mães, pais, filhos e terras, e, no século futuro, a vida eterna. - 31. Mas, muitos dos que tenham sido primeiros serão últimos e muitos dos que tenham sido últimos serão primeiros.

LUCAS: V. 28. Disse então Pedro: Aqui estamos nós que tudo deixamos e te seguimos. - 29. Respondeu-lhes Jesus: Em verdade vos digo não haver ninguém que deixe, pelo reino de Deus, casa, ou pais, ou irmãos, ou mulher, ou filhos, - 30, que, ainda nos tempos presentes, não receba muito mais e, no século futuro, a vida eterna.

N. 240. (Mateus, vv. 27-28.) Os apóstolos, quando ainda em missão na Terra, eram assim prevenidos do progresso de seus Espíritos. Tendo, como encarnados ao tempo do aparecimento do Cristo, cooperado na obra de regeneração da humanidade, eles continuarão ao serviço do Mestre até ao momento em que os homens hajam compreendido a marcha de suas existências.

Ministros das vontades do Justo, já presente mente eles "julgam" as tribos de Israel, pois que presidem ao progresso do vosso planeta. Atuando sobre os Espíritos prepostos à vossa guarda, são os intermediários entre Jesus e os Espíritos que de vós se aproximam, tal como, no que respeita ao planeta em que habitais, Jesus é o inter-

mediário entre o Senhor e eles, que só excepcionalmente se comunicam, no desempenho de uma missão espiritual.

O tempo da regeneração é aquele em que a revelação espírita regenerará os homens, pondo-lhes desnudas ante os olhos as verdades que até então eles só puderam conhecer cobertas pela parábola, sob o véu da letra.

O tempo em que "o filho do homem estará assentado no trono da sua glória" será a época em que todas as frentes forçosamente se curvarão, sob as irradiações da luz espírita, diante daquele que há de ser o único pastor do rebanho que o Senhor lhe confiou.

Estas palavras referentes aos apóstolos - "Também vós estareis assentados em doze tronos", traçam uma alegoria destinada a tornar compreensível o grau de elevação a que terão chegado, naquela época, os ministros de Jesus.

"A julgar as doze tribos de Israel". Essas doze tribos simbolizam as divisões de povos ainda implantadas na Terra.

Os Judeus, preocupados sempre com a sua nacionalidade, não davam atenção senão ao que pessoalmente lhes dizia respeito e Jesus apropriava sua linguagem à época e ao meio em que falava.

A expressão "a julgar" (as doze tribos de Israel) não tinha o alcance que hoje lhes dais: Jesus a empregou muitas vezes em sentidos diversos, de acordo com a ordem de idéias ou de revelações que teve de apresentar veladamente.

Aqui, julgar significa: governar, dar a cada um conforme às suas obras e méritos. Os apóstolos julgam as doze tribos de Israel, isto é: os povos confiados à vigilância deles, no sentido de que velam para que se verifiquem as provações e expiações a que tais povos se acham sujeitos. Podem, conseqüentemente, ser considerados como juizes que aplicam aos culpados as penas que a lei, personificada em Deus, lhes impõe; aplicam o castigo. Ora, a expiação, o remorso são os castigos e os Espíritos que superintendem às expiações lhes determinam a natureza.

Não deturpeis o nosso pensamento: não dizemos que aqueles Espíritos determinem o gênero das provações que o culpado deva suportar, voltando à Terra. O Espírito, como sabeis, tem, regra geral, a liberdade de as escolher. A intervenção daqueles Espíritos se cinge em vigiar que elas estejam sempre em relação com as forças do culpado, de modo que não haja para este a impossibilidade de triunfar. A ação deles se exerce sobretudo na execução da pena infligida ao culpado no estado espírita. Os remorsos deste, corporificados na visão de suas faltas, os quadros cruéis que o perseguem e que, por assim dizer, lhe cravam de contínuo as lâminas aceradas de uma recordação, já de si cruel, tal a obra da vontade dos Espíritos que "julgam as tribos de Israel".

Eles apropriam o castigo à natureza do crime e ao endurecimento do culpado e os Espíritos bons, porém menos elevados, que vos cercam, velam, prepostos que são a esse encargo, pela execução do castigo. Esta, conforme já explicamos, se dá por meio de visões fluídicas, produzidas pelas combinações de fluidos que esses Espíritos

operam, visões que são, para o delinqüente, quadros animados de uma ilusão completa. Nada se faz sem causa. O remorso leva ao arrependimento e este ao desejo de reparar e de progredir.

Temos agora que vos chamar a atenção para um ponto importante.

"Em verdade vos digo que vós que me seguistes, quando o filho do homem, ao tempo da regeneração, estiver assentado no trono da sua glória, também estareis assentados em doze tronos a julgar as doze tribos de Israel."

Estas palavras, cujo sentido e alcance ora conheceis, despojado da letra, o espírito, Jesus as dirigiu: tanto aos onze apóstolos que se conservariam fiéis, como a Judas Iscariote que, sabia-o ele de antemão, viria a traí-lo, falindo gravissimamente à sua missão. Provam elas, portanto, que, nos séculos futuros, ao tempo da regeneração, Judas estará em situação igual à dos outros onze, provando, conseguintemente, que vias e meios de purificação e de progresso moral e intelectual lhe estavam reservados e lhe seriam proporcionados, com o auxílio do tempo, como a todos os Espíritos culpados, consistindo na expiação e na reencarnação que, conforme já dissemos, constituem o inferno, o purgatório, a reparação e o progresso.

Aquelas palavras proclamaram previamente a falsidade do dogma humano, ímpio e monstruoso, da eternidade das penas para o Espírito culpado; desse inferno eterno que, segundo a Igreja romana, tragou para toda a eternidade a Judas Iscariote, que essa mesma Igreja considera o maior dos réprobos, condenado eternamente ao inferno eterno que ela instituiu.

Não vos falamos aqui senão dos doze apóstolos porque, tendo que explicar as palavras de Jesus, não nos quisemos afastar da limitação que lhes ele traçará, dirigindo-se aos Hebreus. Ele se referia apenas aos doze: a estes circunscrevemos as nossas referências.

Não vades, por isso, cair em erro a tal respeito. Ainda aqui mister se faz que vos esclareçamos. Quando explicamos as palavras de Jesus relativas aos doze tronos, não tivemos em mente dizer-vos que só os doze discípulos seriam chamados a desempenhar aquelas funções em torno do Mestre. Os Espíritos bem-aventurados, cujo número é para vós incalculável, têm todos suas missões, seus encargos. Todos velam com solicitude pelo vosso progresso e facilitam o adiantamento dos que, chegados ao ponto de só estarem sujeitos a encarnações não materiais, tenham que progredir nos mundos fluídicos.

(Mateus, v. 29; Marcos, vv. 29-30; Lucas, vv. 29-30.) Também são figuradas as palavras de Jesus constantes destes versículos. Devem ser compreendidas, entendidas segundo o espírito; mas, desgraçadamente, os homens se obstinam em tomá-las unicamente à letra. Como exemplo, Jesus apontou aqueles sacrifícios por serem os maiores que o homem possa fazer. Todos os que, em obediência à lei de amor ao seu Deus, à de devotamento aos seus irmãos, fizeram um sacrifício qualquer, serão re-

compensados por um progresso rápido. De modo que, já desde este mundo, encontrarão centuplicado aquilo de que se houverem despojado.

Os que abandonarem os encantos da família para seguir a lei de Jesus e difundi-la, para levar a boa nova a outras famílias que a ignoravam, acharão para si, no seio destas, pais, mães, irmãos, irmãs, amigos; acharão corações simpáticos e reconhecidos. Isso não sucederá sempre, mas muitas vezes se dará! Para esses, a família se acrescerá de todos os membros que eles conseguirem reunir: a família de Deus, família imensa, à qual todos devem consagrar a ternura e a dedicação que o filho consagra ao pai, à mãe, aos irmãos, ou às irmãs.

Demasiado egoísta é ainda o homem para compreender essa extensão do amor; para compreender que este sentimento se fortifica e cresce em ardor com o se dividir e disseminar pelas massas. Não, não acrediteis na anulação dos sentimentos que a família particular de cada um lhe inspira. Eles se vos depararão, ao contrário, mais vivos e mais puros, porém menos exclusivistas.

Deus é nosso pai. Todos somos seus filhos e nos devemos amar com ardente amor, dedicando-nos uns aos outros, sacrificando alegremente a nossa própria felicidade à felicidade dos nossos irmãos.

Amai, amai, pois que esta é a única lei regeneradora. O amor é a fonte donde brotam todas as virtudes com que deveis fertilizar a vossa existência, tornando-a capaz de dar bons frutos. O amor é a fonte onde a alma hauriu a vida em Deus. O amor é o rio eterno que a leva a se diluir em Deus. Amai a Deus acima de tudo, amai os vossos irmãos mais do que a vós mesmos.

Não vos equivoqueis quanto ao sentido destas palavras : "que leva a alma a se diluir em Deus". O amor não vos une àquele a quem amais? O amor é o sentimento puro que reina por sobre todas as coisas, que tudo aproxima da divindade, toda ela - amor. neste sentido que a alma se diluirá em Deus: aproximando-se dele cada vez mais, todavia conservando sempre, na eternidade e no infinito, a sua individualidade e a sua imortalidade.

(Mateus, v. 30; Marcos, v.31.) Depois de dar a Pedro, usando de uma linguagem figurada, a resposta constante dos vv. 29 e 30 de Marcos, acrescenta Jesus: "*Mas, muitos dos que tenham sido os primeiros serão os últimos e muitos dos que tenham sido os últimos serão os primeiros.*"

O amor, que traz dentro de si a humildade e a caridade, para ser verdadeiro, eficaz, frutuoso, reclama atividade e perseverança na senda do progresso, objetivando em cada criatura o seu próprio aperfeiçoamento e o de seus irmãos. Ora, muitos dos que se houverem posto a caminho antes dos outros chegarão últimos ao fim, por não terem avançado com perseverança naquela senda. São eles os que contam consigo mesmos e julgam caminhar com mais segurança e passar adiante de seus irmãos. Esses verão seus passos obstados pelo orgulho e retardada, conseqüentemente, a sua marcha. E o que foi assim no passado, assim é no presente e será no futuro.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO II

MATEUS, Cap. VIII, v. 18-22. -LUCAS, Cap. IX, v. 57-62

**Seguir a Jesus. -Deixar que os mortos enterrem seus mortos. -
Não olhar para trás**

MATEUS: V. 18: Vendo-se Jesus cercado por grande multidão, resolveu atravessar o lago. - 19. Então um escriba se aproximou e lhe disse: Mestre, seguir-te-ei para onde quer que fores. - 20. Jesus lhe disse: As raposas têm suas tocas; os pássaros do céu têm seus ninhos; mas o filho do homem não tem onde repousar a cabeça. - 21. Outro discípulo lhe disse: Senhor, permite que primeiro eu vá enterrar meu pai. - 22. Jesus lhe retrucou: Deixa que os mortos enterrem seus mortos.

LUCAS: V. 57. Quando iam a caminho, um homem lhe disse: Senhor, eu te acompanharei para onde quer que fores. - 58. E Jesus lhe disse: As raposas têm suas tocas, os pássaros do céu têm seus ninhos; mas o filho do homem não tem onde repousar a cabeça. - 59. E disse a outro: Acompanha-me. Ao que ele respondeu: Senhor, permite que vá primeiramente sepultar meu pai. - 60. Jesus lhe disse: Deixa que os mortos enterrem seus mortos; tu, porém, vai e anuncia o reino de Deus. - 61. Disse-lhe outro: Eu te seguirei, Senhor, mas permite que vá antes dizer adeus aos de minha casa. - 62. Jesus lhe disse: Aquele que, tendo posto a mão no arado, olhar para trás não serve para o reino de Deus.

N. 117. Por estas palavras, certamente não pretendeu Jesus prescrever aos homens que, para trilharem o caminho por ele indicado e anunciarem o reino de Deus, isto é, para mostrarem as sendas e os meios que conduzem à vida eterna, renunciassem às exigências e necessidades da existência humana, relativas tanto à habitação como aos alimentos e ao vestuário, que renunciassessem ao cumprimento dos deveres para com os despojos mortais daqueles a quem os prendiam os laços do sangue ou da amizade, que rompessem as ligações de família, que a repudiassem ou deixassem de cumprir as obrigações que lhes ela impõe.

Devendo sempre procurar o espírito, o homem freqüentemente esbarrou na letra.

O erro dos que comentam as palavras de Jesus consiste em admitirem, para umas, o símile, a figura oriental, que recusam às outras; em lhe falsearem ou modificarem o pensamento, de acordo com os tempos, desfigurando-o ao sabor das conveniências, atribuindo assim ao Mestre absurdos de que mesmo o homem se envergonharia.

Buscai nas palavras de Jesus o espírito sob o véu da letra e encontrareis sem-

pre uma lição de justiça, de amor, de devotamento, de caridade imensa, uma luz sempre nova na estrada do progresso.

Tratai, pois, de compreende-las todas em espírito e em verdade, segundo o espírito que vivifica e não segundo a letra que mata.

O conjunto das que se contêm nos versículos que, neste momento, nos cabe explicar ensina que o homem antes de tudo deve cumprir as obrigações que o Mestre lhe impôs.

Cada uma de suas palavras comporta uma explicação à parte, cada uma encerra um ensinamento, um preceito.

Nas que dirigiu ao escriba, mostrava quão pouco caso devem os homens fazer das voluptuosidades da vida humana, se querem segui-lo e caminhar nas suas sendas.

Importa-lhes não procurar as doçuras e o repouso da vida material. A atividade, a energia, a confiança, tais os móveis da vida.

Ensinava-lhes a serem desprendidos de tudo, a nunca se preocuparem demasiadamente, mais do que seja preciso, com seus interesses particulares.

Por estas palavras: "Deixa que os mortos enterrem seus mortos"; e, "quanto a ti, vai e anuncia o reino de Deus", dirigidas ao que pedia permissão para ir, antes de segui-lo, enterrar o pai, não disse Jesus: abandona às aves de rapina, aos cães famintos, os despojos mortais daqueles a quem amaste, daqueles a quem estiveste unido pelos laços do sangue ou da amizade, os despojos mortais de teus irmãos.

Deitaríeis fora, por acaso, as roupas que eles tivessem usado, os objetos que lhes fossem caros? - Não.

Fazei com os corpos mortos o que fazeis com esses nada que vos lembram os que amastes. Não os profaneis, porquanto, se o Espírito não está mais aí, já esteve. Sepultai os mortos: que a profanação não os conspurque; que suas emanações não empestem o ar; mas, não façais do enterramento um culto, nem - o que é pior - objeto de ostentação e de luxo. A quantos dentre vós importa mais o estrépito de um enterro brilhante do que a lembrança daqueles cujos corpos são assim pomposamente levados à sepultura! Ah! deixai que os mortos enterrem seus mortos e dispensai, oh! bem-amados, ao envoltório material, a atenção devida a, um objeto que o defunto amou. Amai, porém, amai com todo o vosso amor aquele que se ausentou desse corpo inanimado. Para ele os vossos cuidados, o vosso amor. Consista o vosso luxo em orações íntimas, saídas do coração. Não deixeis que arrefeça o vosso zelo por aquele que abandonou o corpo, como arrefece com relação a esse corpo.

Entrai num desses recintos povoados de cadáveres e apreciái a progressão decrescente do afeto e da lembrança. Contemplai as flores que fenecem pouco a pouco e das quais não resta o mais ligeiro sinal ao cabo de alguns anos. Vede como o musgo e os parasitas progridem na pedra, tanto quanto os vermes no corpo. Compreendereis então não ser a morte material o que atrai o homem.

Que são os despojos mortais deste? Matéria que os vermes decompõem, um

composto tirado do todo universal e que a ele tem que voltar, subdividindo-se. Não deis, portanto, valor pueril a esses restos que a terra reclama. Só o Espírito que os animava não perece, só ele vê, sente, ama e sofre.

Os mortos de que Jesus falava são os que vivem exclusivamente para o corpo e não pelo Espírito e para o Espírito; são aqueles para quem o corpo é tudo e o Espírito nada, aqueles que, tendo ouvidos para ouvir e compreender, não ouvem nem compreendem, que são incapazes de ouvir e compreender, que têm olhos para ver e não vêem, que são incapazes de ver.

Abandonai, pois, os mortos. Que os mortos pelo Espírito e para o Espírito, vivos para o corpo, aos quais falecem outras consolações, se agarrem a esses amontoados de podridões. Deixai-lhos. Deixai que enterrem seus mortos. Abandonai-lhes esses mortos e ide vós pregar a vida eterna. Consolai, amparai, exortai os homens e fazei-os entrar nas veredas da vida, onde tudo é perfume e luz.

Quanto a estas palavras: "Aquele que, tendo posto a mão no arado, olha para trás de si, não serve para o reino de Deus", dirigidas ao que lhe pedia permissão para ir, antes que partisse com ele, despedir-se dos que deixara em casa, é preciso que o homem lhes busque o espírito e não se atenha à letra.

Houve quem acusasse o Mestre de, por essas palavras, pregar a secura de coração, de despedaçar os laços tão brandos da família. Oh! bem longe estava isso do seu pensamento.

Como pudera Jesus, todo amor e devotamento, ensinar o egoísmo? Não, não!

O que, por aquela forma, dizia aos homens era: não olheis para trás, quando vos achardes na estrada do bem, pois que sempre haverá um laço que vos retenha.

Refleti antes de vos pordes a caminho, antes de colocardes no sulco o arado; mas, uma vez feito isso, uma vez convencidos de que ele rasga o solo no ponto em que a semente deve ser lançada para produzir, não pareis mais, caminhai para diante.

No momento em que estas palavras acabavam de ser escritas, o médium, sob outra influência mediúnica que se fez sentir espontaneamente, escreveu, com uma caligrafia diferente e magistral o seguinte:

"Deixa que os mortos enterrem seus mortos e vai tu e anuncia o reino de Deus; deixa entregues a si mesmos os que se mostram incapazes de ver a luz; trata, primeiramente, de levá-la aos que a desejam.

"Aquele que, tendo posto a mão no arado, olha para trás de si, não serve para o reino de Deus: É preciso que as condições pessoais, egoísticas, não te façam voltar atrás e abandonar a obra que tens de executar. Começaste a caminhar para a frente, segue teu caminho, pois parar é recuar".

Ante tal manifestação, dirigimos aos Espíritos purificados que presidem à execução desta obra e ao que acabava de manifestar-se estas palavras: "Dignai-vos de permitir vos agradeçamos a boa vontade que tendes de nos esclarecer e de nos dar a luz e a verdade; que Deus nos conceda a graça de progredirmos sempre na senda do

amor infinito que conduz a ele e na da caridade que se universaliza na imensidade das suas obras."

Espontaneamente ainda e com a mesma caligrafia magistral, o médium escreveu:

"Jesus vos abençoa".

Depois, escreveu mediunicamente, com a caligrafia de que antes usava:

.Foi um Espírito intermediário de Jesus junto de vós quem se manifestou e vos transmitiu a palavra do Mestre, encarregado, como seu mandatário, de assinar por ele. Para bem apreciardes a vossa posição em tal caso, dir-vos-emos: "É a palavra do monarca transcrita pelo secretário, mas selada com as armas reais".

Conheceis as relações que existem entre os homens e seus guias espirituais. Sendo por demais material, a natureza do homem terreno não lhe consente entrar em relação fluídica com os Espíritos de ordem muito superior. A transmissão das palavras do chefe se faz então por intermédio de Espíritos mais ou menos elevados, de conformidade com os extremos que devam ser postos em contacto. O Mestre, com vigilante ternura, olha para todos vós e seu amor leva em conta os vossos menores esforços. Mas, se, por estar Jesus muito acima dos Espíritos que vos servem de guias e protetores, estes não são por ele pessoalmente dirigidos, com mais forte razão, entre ele e vós indispensáveis são os intermediários. O Espírito que vos transmitiu as palavras do Mestre é um dos que recebem suas ordens e espalham, sob a sua direção, a luz e a ciência. Grande seja o vosso reconhecimento!

A bondade do Senhor desce sobre os que se esforçam por submeter-se às suas leis. Paciência, coragem, perseverança, fé e amor.

*Mateus, Marcos, Lucas e João,
Assistidos pelos Apóstolos .*

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO CAPÍTULO XXIII - ESTRANHA MORAL

Não vim trazer a paz, mas, a divisão

9. Não penseis que eu tenha vindo trazer paz à Terra; não vim trazer a paz, mas a espada; - porquanto vim separar de seu pai o filho, de sua mãe a filha, de sua sogra a nora; - e o homem terá por inimigos os de sua própria casa. (S. MATEUS, cap. X, vv. 34 a 36.)

10. Vim para lançar fogo à Terra; e que é o que desejo senão que ele se acenda?- Tenho de ser batizado com um batismo e quanto me sinto desejoso de que ele se cumpra!

Julgais que eu tenha vindo trazer paz à Terra? Não, eu vos afirmo; ao contrário, vim trazer a divisão; - pois, doravante, se se acharem numa casa cinco pessoas, estarão elas divididas umas contra as outras: três contra duas e duas contra três. - O pai estará em divisão com o filho e o filho com o pai, a mãe com a filha e a filha com a mãe, a sogra com a nora e a nora com a sogra. (S. LUCAS, cap. XII, vv. 49 a 53.)

11. Será mesmo possível que Jesus, a personificação da doçura e da bondade, Jesus, que não cessou de pregar o amor do próximo, haja dito: "Não vim trazer a paz, mas a espada; vim separar do pai o filho, do esposo a esposa; vim lançar fogo à Terra e tenho pressa de que ele se acenda"? Não estarão essas palavras em contradição flagrante com os seus ensinamentos?

Não haverá blasfêmia em lhe atribuírem a linguagem de um conquistador sanguinário e de devastador? Não, não há blasfêmia, nem contradição nessas palavras, pois foi mesmo ele quem as pronunciou, e elas dão testemunho da sua alta sabedoria. Apenas, um pouco equivoca, a forma não lhe exprime com exatidão o pensamento, o que deu lugar a que se enganassem relativamente ao verdadeiro sentido delas. Tomadas à letra, tenderiam a transformar a sua missão, toda de paz, noutra de perturbação e discórdia, conseqüência absurda, que o bom-senso repele, porquanto Jesus não podia desmentir-se. (Cap. XIV, nº 6.)

12. Toda idéia nova forçosamente encontra oposição e nenhuma há que se implante sem lutas. Ora, nesses casos, a resistência é sempre proporcional à importância dos resultados previstos, porque, quanto maior ela é, tanto mais numerosos são os interesses que fere. Se for notoriamente falsa, se a julgam isenta de conseqüências, ninguém se alarma; deixam-na todos passar, certos de que lhe falta vitalidade. Se, porém, é verdadeira, se assenta em sólida base, se lhe prevêem futuro, um secreto pressentimento adverte os seus antagonistas de que constitui um perigo para eles e para a ordem de coisas em cuja manutenção se empenham. Atiram-se, então, contra ela e contra os seus adeptos.

Assim, pois, a medida da importância e dos resultados de uma idéia nova se encontra na emoção que o seu aparecimento causa, na violência da oposição que provoca, bem como no grau e na persistência da ira de seus adversários.

13. Jesus vinha proclamar uma doutrina que solaparia pela base os abusos de que viviam os fariseus, os escribas e os sacerdotes do seu tempo. Imolaram-no, portanto, certos de que, matando o homem, matariam a idéia. Esta, porém, sobreviveu, porque era verdadeira; engrandeceu-se, porque correspondia aos desígnios de Deus e, nascida num pequeno e obscuro burgo da Judéia, foi plantar o seu estandarte na capital mesma do mundo pagão, à face dos seus mais encarniçados inimigos, daqueles que mais porfiavam em combatê-la, porque subvertia crenças seculares a que eles se apegavam muito mais por interesse do que por convicção. Lutas das mais terríveis esperavam aí pelos seus apóstolos; foram inumeráveis as vítimas; a idéia, no entanto, avolumou-se sempre e triunfou, porque, como verdade, sobrelevava as que a precederam.

14. É de notar-se que o Cristianismo surgiu quando o Paganismo já entrara em declínio e se debatia contra as luzes da razão. Ainda era praticado pro forma; a crença, porém, desaparecera; apenas o interesse pessoal o sustentava. Ora, é tenaz o interesse; jamais cede à evidência; irrita-se tanto mais quanto mais peremptórios e demonstrativos de seu erro são os argumentos que se lhe opõem. Sabe ele muito bem que está errado, mas isso não o abala, porquanto a verdadeira fé não lhe está na alma. O que mais teme é a luz, que dá vista aos cegos. É-lhe proveitoso o erro; ele se lhe agarra e o defende.

Sócrates, também, não ensinara uma doutrina até certo ponto análoga à do Cristo? Por que não prevaleceu naquela época a sua doutrina, no seio de um dos povos mais inteligentes da Terra? É que ainda não chegara o tempo. Ele semeou numa terra não lavrada; o Paganism ainda se não achava gasto. O Cristo recebeu em propício tempo a sua missão. Muito faltava, é certo, para que todos os homens da sua época estivessem à altura das idéias cristãs, mas havia entre eles uma aptidão mais geral para as assimilar, pois que já se começava a sentir o vazio que as crenças vulgares deixavam na alma. Sócrates e Platão haviam aberto o caminho e predisposto os espíritos. (Veja-se, na "Introdução", o § IV: Sócrates e Platão, precursores da idéia cristã e do Espiritismo.)

15. Infelizmente, os adeptos da nova doutrina não se entenderam quanto à interpretação das palavras do Mestre, veladas, as mais das vezes, pela alegoria e pelas figuras da linguagem. Daí o nascerem, sem demora, numerosas seitas, pretendendo todas possuir, exclusivamente, a verdade e o não bastarem dezoito séculos para pô-las de acordo. Olvidando o mais importante dos preceitos divinos, o que Jesus colocou por pedra angular do seu edifício e como condição expressa da salvação: a caridade, a fraternidade e o amor do próximo, aquelas seitas lançaram anátema umas sobre as outras, e umas contra as outras se atiraram, as mais fortes esmagando as mais fracas, afogando-as em sangue, aniquilando-as nas torturas e nas chamas das fogueiras.

Vencedores do Paganismo, os cristãos, de perseguidos que eram, fizeram-se perseguidores. A ferro e fogo foi que se puseram a plantar a cruz do Cordeiro sem mácula nos dois mundos. E fato constante que as guerras de religião foram as mais cruéis, mais vítimas causaram do que as guerras políticas; em nenhuma outras se praticaram tantos atos de atrocidade e de barbárie.

Cabe a culpa à doutrina do Cristo? Não, decerto, que ela formalmente condena toda violência. Disse ele alguma vez a seus discípulos: Ide, matai, massacrai, queimai os que não creem como vós? Não; o que, ao contrário, lhes disse, foi: Todos os homens são irmãos e Deus é soberanamente misericordioso; amai o vosso próximo; amai os vossos inimigos; fazei o bem aos que vos persigam. Disse-lhes, outrossim: Quem matar com a espada pela espada perecerá. A responsabilidade, portanto, não pertence à doutrina de Jesus, mas aos que a interpretaram falsamente e a transformaram em instrumento próprio a lhes satisfazer às paixões; pertence aos que desprezaram estas palavras: "Meu reino não é deste mundo."

Em sua profunda sabedoria, ele tinha a previdência do que aconteceria. Mas, essas coisas eram inevitáveis, porque inerentes à inferioridade da natureza humana, que não podia transformar-se repentinamente. Cumpria que o Cristianismo passasse por essa longa e cruel prova de dezoito séculos, para mostrar toda a sua força, visto que, mau grado a todo o mal cometido em seu nome, ele saiu dela puro. Jamais esteve em causa. As invectivas sempre recaíram sobre os que dele abusaram. A cada ato de intolerância, sempre se disse: Se o Cristianismo fosse mais bem compreendido e mais bem praticado, isso não se daria.

16. Quando Jesus declara: "Não creais que eu tenha vindo trazer a paz, mas, sim, a divisão", seu pensamento era este: "Não creais que a minha doutrina se estabeleça pacificamente; ela trará lutas sangrentas, tendo por pretexto o meu nome, porque os homens não me terão compreendido, ou não me terão querido compreender. Os irmãos, separados pelas suas respectivas crenças, desembainharão a espada um contra o outro e a divisão reinará no seio de uma mesma família, cujos membros não partilhem da mesma crença. Vim lançar fogo à Terra para expungir-la dos erros e dos preconceitos, do mesmo modo que se põe fogo a um campo para destruir nele as ervas más, e tenho pressa de que o fogo se acenda para que a depuração seja mais rápida, visto que do conflito sairá triunfante a verdade. A guerra sucederá a paz; ao ódio dos partidos, a fraternidade universal; às trevas do fanatismo, a luz da fé esclarecida. Então, quando o campo estiver preparado, eu vos enviarei o Consolador, o Espírito de Verdade, que virá restabelecer todas as coisas, isto é, que, dando a conhecer o sentido verdadeiro das minhas palavras, que os homens mais esclarecidos poderão enfim compreender, porá termo à luta fratricida que desune os filhos do mesmo Deus. Cansados, afinal, de um combate sem resultado, que consigo traz unicamente a desolação e a perturbação até ao seio das famílias, reconhecerão os homens onde estão seus verdadeiros interesses, com relação a este mundo e ao outro. Verão de que lado estão os amigos e os inimigos da tranqüilidade deles. Todos então se porão sob a mesma

bandeira: a da caridade, e as coisas serão restabelecidas na Terra, de acordo com a verdade e os princípios que vos tenho ensinado."

17. O Espiritismo vem realizar, na época prevista, as promessas do Cristo. Entretanto, não o pode fazer sem destruir os abusos. Como Jesus, ele topa com o orgulho, o egoísmo, a ambição, a cupidez, o fanatismo cego, os quais, levados às suas últimas trincheiras, tentam barrar-lhe o caminho e lhe suscitam entraves e perseguições.

Também ele, portanto, tem de combater; mas, o tempo das lutas e das perseguições sanguinolentas passou; são todas de ordem moral as que terá de sofrer e próximo lhes está o termo. As primeiras duraram séculos; estas durarão apenas alguns anos, porque a luz, em vez de partir de um único foco, irrompe de todos os pontos do Globo e abrirá mais de pronto os olhos aos cegos.

18. Essas palavras de Jesus devem, pois, entender-se com referência às cóleras que a sua doutrina provocaria, aos conflitos momentâneos a que ia dar causa, às lutas que teria de sustentar antes de se firmar, como aconteceu aos hebreus antes de entrarem na Terra Prometida, e não como decorrentes de um desígnio premeditado de sua parte de semear a desordem e a confusão. O mal viria dos homens e não dele, que era como o médico que se apresenta para curar, mas cujos remédios provocam uma crise salutar, atacando os maus humores do doente.

OS QUATRO EVANGELHOS - TOMO II

MATEUS. Cap. X, v. 32-36. -LUCAS, Cap. XII, v. 8-9 e 49-53

Jesus veio trazer fogo à terra. -Não veio trazer a paz e sim o gládio, a divisão, a fim de que chegue a ser conhecido e até que o seja

MATEUS: V. 32. Aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus. - 33. Aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus. - 34. Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer a paz e sim o gládio; - 35, porquanto, vim separar de seu pai o filho, de sua mãe a filha e de sua sogra a nora; - 36, e o homem terá por inimigo os de sua própria família.

LUCAS: V. 8. Ora, eu vos digo que aquele que der testemunho de mim diante dos homens, dele o filho do homem dará testemunho diante dos anjos de Deus. - 9. Mas aquele que me negar diante dos homens será também negado diante dos anjos de Deus. - 49. Vim trazer o fogo à terra; e que é o que quero senão que ele se acenda? - 50. Tenho que receber um batismo e quão ansioso estou para que ele se cumpra. - 51. Pensais que vim trazer a paz à terra? Não, eu vo-lo digo, vim trazer a separação; - 52, porquanto, doravante, se numa casa se encontrarem cinco pessoas, estarão todas divididas, três contra duas a duas contra três; - 53, estarão divididos o pai contra o filho e o filho contra o pai; a mãe contra a filha, a filha contra a mãe; a sogra contra a nora e a nora contra a sogra.

N. 142. Não deveis ter dificuldade em compreender estas palavras de Jesus, claras por si mesmas e confirmadas pelos fatos.

(V. 32 e 33 de Mateus e v. 8 e 9 de Lucas): Aquele que, simples de coração e humilde de espírito, caminha pela senda da verdade, das boas obras, do amor e da fraternidade, lei divina outorgada aos homens por Jesus, dá testemunho dele e se acha, por conseguinte, na única senda que leva à salvação. Jesus, o divino modelo que devemos imitar, conduz a porto de salvamento aquele que assim escolheu a boa estrada.

Aquele que, ao contrário, se embrenha pelos caminhos tortuosos, isto é, pelos caminhos do orgulho, do egoísmo, da hipocrisia, dos vícios e das paixões que degradam a humanidade, esse se afasta do alvo, renega o bom pastor, repudiando-lhe a doutrina, a lei. Ora, o bom pastor não o pode receber na classe dos bons Espíritos, nem apresentá-lo ao rei dos reis. Esse estará, portanto, renegado, até que dê testemunho do Cristo, tomando a sua senda, pela prática da sublime moral que ele personifica.

(V. 49 e 50 de Lucas): Jesus vinha trazer fogo à terra dando, pelo desempenho da sua missão terrena, lições e exemplos de fé, de esperança, de desinteresse, de

abnegação, de devotamento, de caridade e de amor, de todas as virtudes, em suma, aos homens atrasados daquela época, enleados na teia dos abusos, dos preconceitos e das tradições que a sua doutrina saparia e que eram sustentados pelos escribas, pelos fariseus; pelos sacerdotes orgulhosos e cúpidos. Queria ele que esse fogo se acendesse, isto é, que os homens se grupassem em seu derredor para porem em prática aquelas lições, aqueles exemplos e espalhá-los pela multidão. Manifestava ardente desejo de receber o batismo que lhe estava reservado, isto é, de sancionar a sua missão pelo sacrifício do Gólgota, que a faria dar todos os seus frutos e prepararia o futuro advento da nova revelação.

(V. 51, 52 e 53 de Lucas): Trazendo aos Espíritos atrasados o progresso, Jesus ia provocar a luta entre os que desejariam enveredar pelo novo caminho e os preguiçosos ou obstinados que queriam permanecer estacionários. Ele via a divisão que a marcha e a realização do progresso determinariam entre os homens e mesmo no seio das famílias. Assim foi e assim será ainda. Preparai-vos, portanto, pois que se, ao tempo da colheita, estivésseis todos maduros, inútil seria proceder-se a uma escolha entre vós e trazer-vos os raios da luz vivificante que acabará de dourar a messe que os Espíritos do Senhor vêm fazer.

(V. 34 e 35 de Mateus): Jesus antevia os acontecimentos, os ódios e as inimizades que nasceriam até entre os mais próximos parentes, sob o mesmo teto. Antevia o sangue que seria derramado em seu nome! Antevia sua doutrina, sua lei mal compreendidas e irreconhecíveis; substituídos por uma fé cega e falsa o amor, a caridade e a fraternidade, que ele declarou serem, para e entre todos os homens, toda a lei e os profetas. Antevia os massacres levados a efeito em seu nome, as lutas sangrentas e fratricidas que em seu nome se travariam entre os homens, apesar de lhes ele haver dito: "Vós todos sois irmãos". Antevia as torturas praticadas, as fogueiras acesas, em seu nome! pela intolerância, pelo fanatismo, pela superstição e pela ambição dominadora.

Sim, Jesus via já então as ondas de sangue que jorrariam desde o sacrifício do primeiro mártir, até o dia vindouro da paz universal. Desgraças foram sem dúvida, pois provam a que ponto os Espíritos na terra estavam e estão ainda atrasados. Mas, foram desgraças necessárias, por isso que o sangue dá lugar à regeneração.

Dissemos - "dia vindouro da paz universal". O estado atual das coisas não vos dá a compreender que a paz universal, cujo reinado se há de implantar na terra, ainda está longe de espalhar seus benefícios civilizadores?

Com o abrir, para vós, a nova revelação esta era nova, os Espíritos do Senhor vêm, tal qual Jesus com o desempenho da sua missão terrena, atear novamente fogo à terra; trazer, não a paz, mas a divisão.

O Espiritismo é ainda, com efeito, Jesus presente entre vós; é ainda essa influência que impele o homem para o progresso e lhe abre a estrada por onde chegará mais depressa. Quando mesmo, por último, vier o Mestre completar, pela separação do joio e do bom grão, a obra que adiantamos, haverá divisão entre vós, porquanto,

qualquer que seja o vosso progresso, haverá ainda Espíritos atrasados. A divisão entre os homens será sempre a propulsora do progresso até ao dia em que, acabada aquela separação, completada assim a obra de Jesus, todos os Espíritos rebeldes, voluntariamente cegos, tenham sido relegados para mundos onde possam melhorar. Só então a missão do Cristo se tornará em missão de paz. Depois de ter sido até aí rei da justiça, ele será "rei de Paz" .

Apressai, pois, espíritas, por todos os vossos esforços, o advento dessa nova era, aplainando as dificuldades que se apresentam de todos os lados. Trabalhai com ardor por arrancar os parasitas que sufocam a vinha do Senhor. Esclarecei as inteligências obscuras, sustentai os fracos, ajudai vossos irmãos a chegar ao ponto em que vos achais, a fim de que, vendo todos a luz, ela a todos igualmente ilumine.